

DA COHAB 2 À "CIDADE": a mulher, a preta, a periférica e a avó

EIXO TEMÁTICO 02: Processos de Produção do Espaço Urbano

ANJOS, Luiz Felipe dos
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
luizfeanjos@gmail.com

RESUMO

Este artigo narra a história da Cohab II, no distrito de José Bonifácio, em Itaquera, Zona Leste de São Paulo, a partir da trajetória de Ivanete Nogueira Marques dos Anjos: a mulher, a preta, a periférica e a avó. Metodologicamente, trata-se de uma abordagem qualitativa que articula revisão bibliográfica de autores negros, pesquisa documental e uma entrevista de história oral de vida, de modo a costurar a urbanização pretérita da região, marcada pela consolidação de bairros rurais e pela implantação de conjuntos habitacionais na década de 1980, à experiência vivida de uma mulher negra periférica. A partir de autores como Milton Santos, Françoise Vergès, Frantz Fanon e Lélia Gonzalez, o trabalho evidencia como segregação, pobreza e raça se entrelaçam na produção do espaço urbano paulistano, revelando a cidade colonial que persiste sob o discurso do desenvolvimento. A Cohab II, longe de ser apenas um conjunto habitacional, emerge como espaço negro de potência e resistência.

Palavras-chave: Zona Leste; Cohab II; segregação socioespacial; mulher negra; cidade colonial.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This article narrates the history of Cohab II in the José Bonifácio district, Itaquera, East Zone of São Paulo, through the trajectory of Ivanete Nogueira Marques dos Anjos: the woman, the black, the peripheral and the grandmother. Methodologically, it is a qualitative approach that combines a bibliographical review of black authors, documentary research and a life-history oral interview. The narrative articulates the region's early urbanization, marked by the consolidation of rural neighborhoods and the implementation of housing projects in the 1980s, with the lived experience of a peripheralized black woman. Drawing on authors such as Milton Santos, Françoise Vergès, Frantz Fanon and Lélia Gonzalez, the work reveals how segregation, poverty and race intertwine in the production of São Paulo's urban space, unveiling the colonial city that persists beneath the discourse of development.

Keywords: East Zone; Cohab II; socio-spatial segregation; black woman; colonial city.

RESUMEN

Este artículo narra la historia de la Cohab II en el distrito de José Bonifácio, Itaquera, Zona Este de São Paulo, a partir de la trayectoria de Ivanete Nogueira Marques dos Anjos: la mujer, la negra, la periférica y la abuela. Metodológicamente, combina una revisión bibliográfica de autores negros, investigación documental y una entrevista de historia oral de vida. La narrativa articula la urbanización pretérita de la región, marcada por la consolidación de barrios rurales y la implantación de conjuntos habitacionales en la década de 1980, con la experiencia vivida de una mujer negra periferizada. A partir de autores como Milton Santos, Françoise Vergès, Frantz Fanon y Lélia Gonzalez, el trabajo evidencia cómo segregación, pobreza y raza se entrelazan en la producción del espacio urbano paulistano.

Palabras clave: Zona Este; Cohab II; segregación socioespacial; mujer negra; ciudad colonial.

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

A Zona Leste é uma região de grande relevância no contexto urbano da metrópole paulistana. Demograficamente, a região concentra cerca de quatro milhões de habitantes, em uma área de 326,8 quilômetros quadrados, sendo a mais populosa da cidade (IBGE, 2022; SÃO PAULO, 2024); para fins ilustrativos, a população absoluta da Zona Leste é maior do que a de praticamente todos os municípios brasileiros, à exceção de São Paulo e Rio de Janeiro.

Notoriamente, a subprefeitura de Itaquera se destaca, sobretudo na última década, devido à urbanização extensiva junto a um empresariamento da cidade. De maneira progressiva e gradual, os equipamentos e serviços tanto públicos quanto privados vão se inserindo no tecido urbano e socioeconômico. Por exemplo, o Shopping Metrô Itaquera, a presença do mercado imobiliário, proliferação de lojas de departamento, implantação de projetos de infraestrutura urbana entre outros fatores também relacionados com o processo recente e contínuo de reestruturação urbana na Zona Leste de São Paulo.

A constituição da Zona Leste se dá por meio de uma urbanização pretérita de um Brasil agrícola (SANTOS, 2020, p. 17) pela consolidação de bairros rurais que remonta ao período colonial. A origem da Região Leste se relaciona à constituição de bairros rurais em torno de capelas e pousos de tropas ao longo do antigo caminho de São Paulo ao Rio de Janeiro (SÃO PAULO, 2008). A região de Itaquera, em particular, era composta por grandes fazendas cujas terras foram sendo progressivamente parceladas ao longo dos séculos XVIII e XIX.

Figura 1. Chácaras e fazendas na Zona Leste (1850)

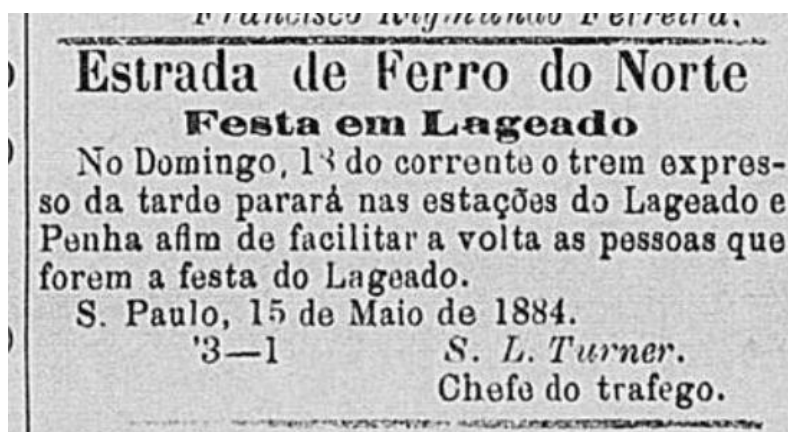


Fonte: Chácaras e fazendas na Zona Leste, c. 1850. Acervo do Departamento do Patrimônio Histórico (SÃO PAULO, 2008).

PENSAR FORA DO EIXO

A partir de 1860, a modernização urbana de São Paulo foi impulsionada por investimentos particulares, medidas do poder público e capitais nacionais e internacionais aplicados em indústrias, bancos, comércio, implantação de ferrovias, loteamentos e instalação de infraestrutura e serviços urbanos (SÃO PAULO, 2008). Em 1875, a Estrada do Norte, depois Estrada de Ferro Central do Brasil, cruzou a atual Região Leste e impulsionou a transformação daquela área rural em urbana. As estações ferroviárias tornaram-se núcleos de desenvolvimento, e os bairros foram se formando ao redor delas.

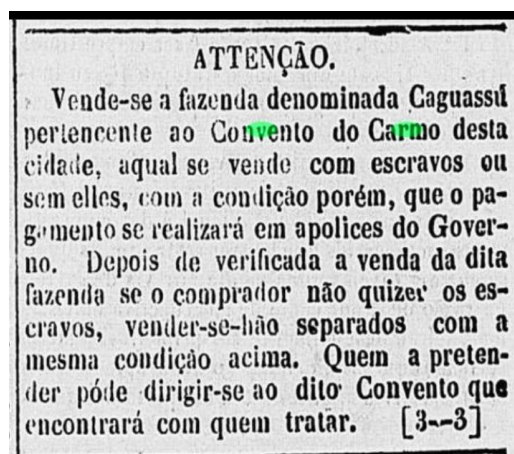
Figura 2. Notícia sobre a Estrada de Ferro do Norte, 1884



Fonte: Acervo do Departamento do Patrimônio Histórico (SÃO PAULO, 2008).

Além disso, a região era composta por fazendas, muitas delas anunciadas para venda com a presença de escravos juntamente à propriedade destas fazendas, como demonstra o anúncio de venda da Fazenda Caguassu, pertencente ao Convento do Carmo, que explicitava a possibilidade de aquisição “com escravos ou sem eles”.

Figura 3. Anúncio de venda da Fazenda Caguassu com escravos, 1852

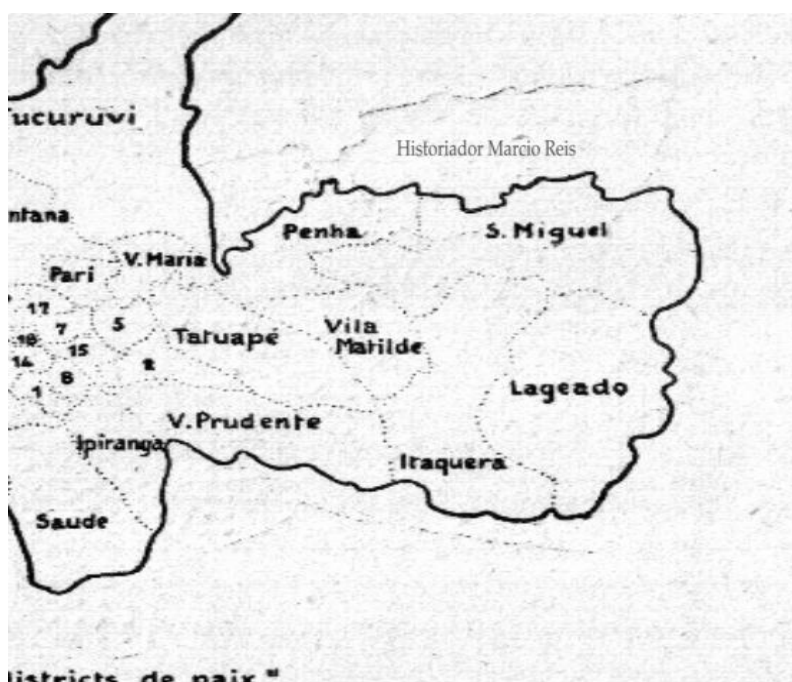


Fonte: Acervo do Departamento do Patrimônio Histórico (SÃO PAULO, 2008).

PENSAR FORA DO EIXO

Entre os anos 1920 e 1940, a demanda por moradia aumenta e as atividades agrícolas, tais quais a produção de pêssegos pela colônia japonesa ali estabelecida, persistem apesar da urbanização crescente. Na década de 1920, o crescimento da população e da demanda por moradia, aliado à valorização do solo nas áreas já urbanizadas da cidade, provocou o parcelamento das propriedades rurais em loteamentos destinados, em geral, aos segmentos populares (SÃO PAULO, 2008). Durante os anos 1940, embora a região já estivesse urbanizada, ainda se mantinham atividades agrícolas, extrativas (de pedras, areia e argila nas várzeas dos rios) e de fabricação de tijolos e telhas.

Figura 4. Distritos da Zona Leste (1940)



Fonte: Acervo do Departamento do Patrimônio Histórico (SÃO PAULO, 2008).

Entre as décadas de 70 e 80, os movimentos populares ganham força pela reivindicação de saúde, educação e moradia adequadas para a população local, contando com o apoio das Comunidades Eclesiais de Base (SÃO PAULO, 2008). Em seguida, os projetos de conjuntos habitacionais são lançados no distrito do José Bonifácio da subprefeitura de Itaquera, na Cohab I tal como na Cohab II nos anos 1980. Ao mesmo tempo, a abertura de vias rápidas de acesso e a modernização do transporte por trilhos acentuaram as características urbanas da paisagem da Região Leste.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 5. Notícia da Cohab-SP sobre a inauguração do conjunto habitacional em Itaquera, 1980



Fonte: Jornal Cohab-SP, julho de 1980. Acervo do historiador Márcio Reis (REIS, 2022).

Nesse sentido, a presente narrativa procura, dentre muitos outros motivos, revelar a cidade de São Paulo como ela é, não para todos, mas para a grande maioria de seus residentes. Especificamente, para aquelas que movimentam a cidade todos os dias, como Françoise Vergès (2020) nos lembra com veemência:

Todos os dias, em todo lugar, milhares de mulheres negras, racializadas, “abrem” a cidade. Elas limpam os espaços de que o patriarcado e o capitalismo neoliberal precisam para funcionar. Elas desempenham um trabalho perigoso, mal pago e considerado não qualificado, inalam e utilizam produtos químicos tóxicos e empurram ou transportam cargas pesadas, tudo muito prejudicial à saúde delas. Geralmente, viajam por longas horas de manhã cedo ou tarde da noite.

A autora declara uma atualidade do que foi Carolina Maria de Jesus em seu território marginalizado que, ontologicamente, a define como mulher preta periferizada porque segundo Milton Santos (2007, p. 107) “a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está”.

METODOLOGIA

Para respaldar e fundamentar metodologicamente as discussões apresentadas neste artigo, adotou-se uma abordagem multimétodo de caráter qualitativo. Em primeiro lugar, realizou-se uma revisão bibliográfica de autores negros sobre produção do espaço, cidade e racialidade, buscando ancorar teoricamente as análises nas epistemologias e perspectivas que colocam a experiência racial como central na compreensão do urbano.

PENSAR FORA DO EIXO

Em segundo lugar, procedeu-se a uma pesquisa documental, que abrangeu grupos de redes sociais dedicados à história da Zona Leste de São Paulo, jornais antigos e documentos da Prefeitura de São Paulo e, em especial, ao trabalho do historiador Márcio Reis (REIS, 2022). A partir desse conjunto de fontes, em especial fotografias e vídeos, foi possível reconstituir movimentos históricos inscritos nas vivências da mulher preta e periférica, observando no tempo e no espaço a produção e a reprodução da cidade e das desigualdades raciais que a atravessam.

Por fim, realizou-se uma entrevista com perguntas abertas com Ivanete Nogueira Marques dos Anjos, com o objetivo de acessar, a partir de uma perspectiva situada e vivida, os processos de construção e consolidação da Cohab II e dessa região da cidade até os tempos mais recentes. Essa escuta permitiu articular os registros documentais e imagéticos a uma narrativa encarnada, ancorada na trajetória de uma mulher que habitou e experienciou essa territorialidade ao longo do tempo.

Trata-se, mais precisamente, de uma entrevista de história oral de vida, modalidade que, na chave proposta por Alessandro Portelli (2010), toma a subjetividade e a narrativa biográfica não como desvio, mas como fonte e como método. A opção por uma única narradora não constitui limitação amostral, e sim decisão epistemológica: a escolha de uma trajetória situada, a de uma mulher negra que habita o território desde a inauguração da Cohab II, em 1982, permite acessar, a partir de um caso encarnado, processos estruturais que a generalização estatística tende a apagar. Nesse sentido, a entrevista dialoga com a noção de saber local proposta por Milton Santos (1999): um saber nutrido pelo cotidiano e produzido pelos sábios locais, aqueles que respiram o lugar em si para dele extrair o discurso do cotidiano, que é também o discurso da política. Em contraposição ao saber do expert que apenas fala sobre o lugar, o saber local de Ivanete, mulher que habita e pratica o território da Cohab II há décadas, constitui a fonte privilegiada desta pesquisa. A escuta foi conduzida por meio de perguntas abertas, registrada em áudio e posteriormente transcrita, e seu conteúdo foi analisado em articulação com as fontes documentais e imagéticas, de modo a costurar a micro-história da narradora à macro-história da produção do espaço da Zona Leste. A entrevistada autorizou expressamente o uso de seu nome, de sua imagem e de seu relato para os fins desta pesquisa.

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

A partir disso, as novas Carolinas Maria de Jesus continuam nos mesmos lugares de antes, compartilham as mesmas vivências de uma cidade saudável e reconfortante para alguns em

PENSAR FORA DO EIXO

detrimento de muitos que têm uma experiência citadina fragilizada e desalentadora. Percebe-se, assim, uma relação entre segregação, pobreza e raça contida na produção do espaço, criando uma carga identitária negativa tanto do negro quanto da periferia conforme mostra Campos (2012, p. 98):

a segregação socioespacial, para além das questões econômicas, tem na produção de valores, nos quais: o estigma, a discriminação, o preconceito criam impactos negativos na apropriação do espaço urbano e na vida daqueles que são considerados pobres e que vivem nas metrópoles. A metropolização, resultado contínuo da expansão urbana e do desenvolvimento capitalista, produz os seus pobres e os subalternizam diante da produção do espaço urbano.

Em paralelo, o foco da construção da história do bairro em questão perpassa essa vivência de uma territorialidade periférico-racializada às bases da conformação de uma cidade construída sob um viés colonial conforme afirma Fanon (1968, p. 29, grifo nosso):

A cidade do colono é uma cidade de brancos, de estrangeiros. A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a médina [árabe], a reserva, é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. [...] É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre os outros, as casas umas sobre as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade acorada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada. É uma cidade de negros, uma cidade de árabes. [...] Este mundo dividido em compartimentos, este mundo cindido em dois, é habitado por espécies diferentes.

Essa cisão colonial não é metáfora nem pertence apenas ao passado; ela se atualiza, no Brasil, como divisão racial do espaço. O espaço é produzido e reproduzido pelas relações raciais (EMERSON DOS SANTOS, 2019), de modo que a urbanização crítica brasileira não se sustenta sozinha, mas se perfaz por conta do racismo. É premente, portanto, analisar como a urbanização necessita do racismo e como o racismo, por sua vez, também precisa da urbanização: a imagética do branco é a do desenvolvimento e do crescimento econômico, de uma urbanidade próspera, ao passo que sobre o negro recai a visão do atraso. Não por acaso, o branqueamento se enraíza como política no próprio crescimento da cidade de São Paulo.

Trata-se, no limite, de um dispositivo da racialidade que se territorializa. Ao tomar a brancura como sinônimo do estatuto humano, esse dispositivo institui o dinamismo do ser branco em contraposição ao imobilismo do outro (CARNEIRO, 2005), e o território passa a ser manejado como instrumento de controle dos corpos. O resultado é que a prática e o saber sobre o negro raramente são construídos por e para o negro, ainda que seja ele a parte majoritária do território habitado, praticado e usado. Posto como elemento transversal ou adjacente, e não como fundamento, o corpo negro é

PENSAR FORA DO EIXO

empurrado para as áreas de risco, sem infraestrutura e desconectadas da totalidade da metrópole: as favelas, os cortiços, os conjuntos habitacionais.

São essas as distâncias interiores das cidades de que fala Milton Santos, distâncias carregadas de uma herança colonial que, ao longo dos anos, extrapola os limites do urbano. A Cohab II, na Zona Leste, é uma de suas formas mais acabadas: o lugar reservado, à margem do plano urbano-social, para corpos que a cidade insiste em manter à distância. É justamente esse lugar, e a vida que nele resiste, que a trajetória da mulher, da preta, da periférica e da avó nos permite enxergar de perto.

A MULHER, A PRETA, A PERIFÉRICA E A AVÓ

O enfoque não é apenas na Zona Leste, em Itaquera ou na Cohab II no distrito de José Bonifácio, mas sim em alguém específico que carrega toda a história de uma cidade, pois é um corpo ativo e presente no espaço urbano. Ivanete Nogueira Marques dos Anjos, a avó paterna, sempre viveu um lado da cidade rechaçado, rejeitado e, por muito tempo, esquecido pela modernização seletiva do modelo socioeconômico de desenvolvimento (SANTOS, 2004, p. 38; SANTOS, 2008, p. 105; SANTOS, 2013, p. 42). De alguma forma, esta mulher preta não se afasta muito da experiência de Carolina Maria de Jesus e vivencia a brutalidade da concretude cidadina em suas diversas formas, desde a casa ao trabalho. A história da mulher, da preta, da periférica e da avó é a mesma história do Conjunto Habitacional José Bonifácio (comumente conhecido como Cohab II), porque esse quarteto cheio de singularidades chega a esse território em 1982. Tal ano conflui não só a data do início de sua vida na Zona Leste como também o nascimento dos conjuntos habitacionais, grandes representantes da cidade modernista.

Figura 6. Ivanete Nogueira Marques dos Anjos



Fonte: Arquivo pessoal de Ivanete Nogueira Marques dos Anjos. Uso autorizado pela retratada.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 7. Cohab II em 1982



Fonte: Acervo do historiador Márcio Reis, 1982 (REIS, 2022).

Figura 8. Conjunto Habitacional José Bonifácio (Cohab II) e a caixa d'água, marco visual do bairro



Fonte: Acervo do historiador Márcio Reis (REIS, 2022).

PENSAR FORA DO EIXO

Antes a mulher morava em Osasco e, devido ao valor do aluguel, fez inscrição no programa da Cohab-SP (Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo) e se mudou para a região de Itaquera. A mulher chegou à Cohab II quando sua filha mais nova (caçula de três) tinha cerca de dois anos, no mesmo momento da inauguração da grande política habitacional para a Zona Leste.

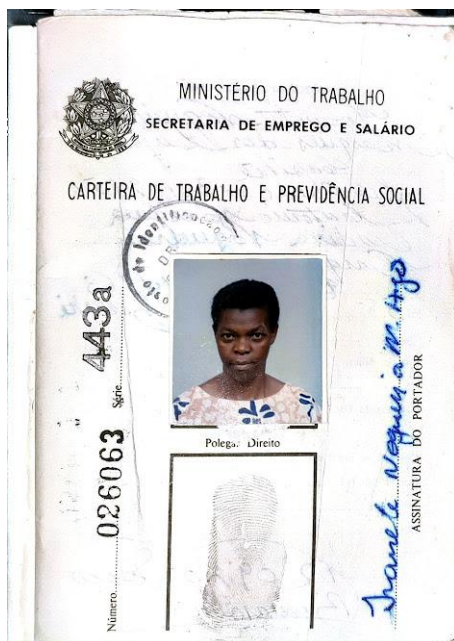
Os anos seguintes foram mais tortuosos em comparação à esperança dada pela Cohab de dias mais calmos e um novo lugar para morar com a família. Por mais que os Cohabs tivessem uma intencionalidade de solução parcial da questão habitacional em Itaquera, demonstram alguns problemas de projeto. No entanto, a carga da imagética de ser cohabense não é tão positiva como muitos pensavam justamente pela sua distância geográfica, social e econômica de seus residentes em paralelo ao restante da cidade. A grande parcela dos moradores das Cohabs é representada pela população negra e, claramente, de ocupação elementar como motoristas, domésticas, catadores de lixo, porteiros, trabalhadores na área da saúde e a lista continua.

Entre 1980 e 1990, os projetos de abertura de vias e a modernização dos trens e metrô possibilitaram um acesso ainda bastante carente às regiões centrais, onde praticamente todos os moradores da Zona Leste vão trabalhar. Quando o filho mais velho tinha catorze anos, a mulher se separou do homem, Elias dos Anjos, e começou a trabalhar, porque antes ele não a deixava trabalhar. O primeiro emprego foi na Alameda Rio Claro, no bairro da Bela Vista, próximo à Avenida Paulista, como copeira em hospital italo-brasileiro.

Durante toda essa década, o bairro sofre com as mazelas de uma cidade cada vez mais adensada nas periferias, contudo o caos urbano não é vivenciado pela grande maioria dos cidadãos. Muitas Ivanetes não param de correr e lotar os transportes públicos de má qualidade para chegarem ao centro e ganharem o mínimo para sobreviver. Como **a periférica** se formou em auxiliar de enfermagem à revelia da vontade do homem, esta garantiu empregos de carteira assinada após a separação em diversos hospitais na cidade de São Paulo. Após prestar um concurso para o Hospital de São Mateus na virada do século XXI, conseguiu um cargo como funcionária pública trabalhando como auxiliar de enfermagem. Simultaneamente, a Cohab II permanece como um não-lugar da experiência urbana florescente prometida pelo desenvolvimentismo pela não presença de um bem-estar social corporificado.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 9. Carteira de trabalho de Ivanete Nogueira Marques dos Anjos



Fonte: Arquivo pessoal de Ivanete Nogueira Marques dos Anjos. Uso autorizado pela retratada.

A realidade é a de uma cidade colonial, isto é, dois mundos distintos com indivíduos distintos: de um lado, uma São Paulo que sofre tanto pela forma (a própria Cohab II como periferia e sua distância geográfica) quanto pelo conteúdo (a mulher negra e sua correria); de outro, uma São Paulo da gente branca que usufrui de uma urbanidade avivada e próspera. A lógica desse paradigma de cidade talvez sempre tenha existido sob diversas formas, a exemplo de uma segregação embrionária concebida nos palácios e jardins da cidade barroca, que é também a cidade colonial sempre viva.

Lélia Gonzalez (1984, p. 229–233) mostra como a imagem estigmatizada e negatizada do negro e da periferia estão ligadas retomando a teoria aristotélica do “lugar natural” com atenção à diferenciação entre dominador-colonizador e dominado-colono (FANON, 1968, p. 29; SILVÉRIO, 2019, p. 26). Assim, o negro tem seu lugar reservado à margem do plano urbano-social, leiam-se as favelas, cortiços, ocupações, conjuntos habitacionais (GONZALEZ, 1982, p. 15; SILVÉRIO, 2019, p. 29–30), pelos imaginários e práticas que negam a sua urbanidade e existência. Toda essa história serve para mostrar a não naturalidade de um processo planejado e implementado para ser concebido como inato (SANTOS, 2003), todavia o desenvolvimento e a pobreza são projetos intrinsecamente ligados à urbanização da Zona Leste.

Cabe explicitar, portanto, a costura entre as duas escalas aqui mobilizadas. A macro-história da Zona Leste, a urbanização pretérita de um Brasil agrícola, a chegada da ferrovia, o parcelamento

PENSAR FORA DO EIXO

das antigas fazendas escravistas e a implantação tardia dos conjuntos habitacionais, não funciona como mero pano de fundo da trajetória de Ivanete; ela se inscreve em seu corpo e em seu cotidiano. A categoria de cidade colonial, tomada de Fanon (1968) e relida para o caso paulistano, é o que permite articular esses dois planos: São Paulo se produz, desde a sua origem, como uma cidade cindida, na qual a separação entre a cidade do colono e a cidade do colonizado se atualiza, hoje, na distância entre o centro branco e próspero e a periferia negra e periferizada. A Cohab II é, nesse sentido, a forma espacial contemporânea da cidade colonial paulistana, e a vida de Ivanete é a sua expressão encarnada: a micro-biografia demonstra, no detalhe da correria diária e do trajeto até a “cidade”, aquilo que a macro-história apenas anuncia.

DA COHAB 2 À "CIDADE"

Do início dos anos 2000 para cá, os bairros da Zona Leste, até mesmo os mais distantes no extremo leste, recebem alguns olhares de investimentos privados e começam a desvelar um crescimento incipiente, resultando em certa valorização da região. Ainda assim, não se pode cair na armadilha de pensar que questões mais complexas, como a essência de uma cidade colonial, foram resolvidas. A periférica sempre falou, e continua falando, mesmo não residindo mais na Zona Leste, que precisava comprar coisas na “cidade”, bem como trabalhou por muito tempo na “cidade”. Muitos dos moradores da Cohab II também se utilizam da mesma expressão categórica de “ir à cidade”.

Figura 10. Vista aérea do bairro na Zona Leste (1999)



Fonte: Acervo do historiador Márcio Reis (REIS, 2022).

PENSAR FORA DO EIXO

Restos de sonhos sobre um novo dia
Amores nos vagões, vagões nos trilhos
Parece que quem parte é a ferrovia
Que mesmo não te vendo te vigia
Como mãe, como mãe
Que dorme olhando os filhos
Com os olhos na estrada (DJAVAN, 1991)

A Cohab II nada mais é do que um espaço negro de potência e resistência durante toda a história da cidade de São Paulo, mesmo quando esta ainda não existia. A insalubridade dos trilhos é o que movimenta e, ao mesmo tempo, prende a mulher, a preta, a periférica e a avó aos espaços brancos cheios de vida, onde a necropolítica é apenas uma ideia e não um cenário real. Neusa Santos Souza (1990) diz que nos tornamos negros e, assim, pode-se afirmar que a mulher, a preta, a periférica e a avó, a saber, a Ivanete, começou a tomar consciência de si mesma: de um corpo, de uma urbanidade, de uma existência negada e subalternizada desde a Cohab II até a “cidade” à qual busca chegar.

Figura 11. Cohab II vista da Av. Virgínia Forni em 1982



Fonte: Acervo do historiador Márcio Reis, 1982 (REIS, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer a história da Cohab II a partir da trajetória de Ivanete Nogueira Marques dos Anjos, este artigo procurou demonstrar que a produção do espaço da Zona Leste de São Paulo não se

PENSAR FORA DO EIXO

explica por uma suposta neutralidade do desenvolvimento urbano, mas pela articulação entre segregação, pobreza e raça. O problema que orientou a investigação, compreender como a cidade se constitui de modo desigual para os diferentes corpos que a habitam, encontrou na escala biográfica um campo privilegiado de demonstração: a mulher, a preta, a periférica e a avó condensam, em uma única trajetória, os processos estruturais que a história regional registra de maneira mais abstrata.

A contribuição que se pretendeu oferecer é dupla. De um lado, a de mobilizar a categoria de cidade colonial para o caso paulistano, evidenciando que a cisão entre a cidade do colono e a cidade do colonizado permanece operante sob o discurso do desenvolvimento e da valorização imobiliária recente da região. De outro, a de tratar a Cohab II não como simples objeto de uma política habitacional deficitária, mas como espaço negro de potência e resistência, no qual a vida cotidiana de mulheres como Ivanete reinventa, diariamente, as condições de existência na periferia. Reconhecer essa potência não significa naturalizar a precariedade, e sim afirmar que a superação da cidade colonial passa, necessariamente, por restituir a essas trajetórias o estatuto de sujeitos plenos da produção do espaço urbano.

REFERÊNCIAS

BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria*. São Paulo: Estação Liberdade; FAPESP, 1998.

CAMPOS, Andreilino de Oliveira. As questões étnico-raciais no contexto da segregação socioespacial na produção do espaço urbano brasileiro: Algumas considerações teórico-metodológicas. Em: RENATO EMERSON DOS SANTOS (org.). **Questões urbanas e racismo**. Coleção Negras e negros: pesquisas e debates. Brasília, Distrito Federal, Brazil: ABPN, Associação Brasileira de Pesquisadores Negros; DP et Alii Editora, 2012. v. 1. p. 68–104.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DJAVAN. Composição Djavan e Orlando de Moraes. **A rota do indivíduo (ferrugem)**. São Paulo: Columbia, 1991. CD.

EMERSON DOS SANTOS, Renato. Expressões espaciais das relações raciais: algumas notas. Em: BARONE, Ana Cláudia Castilho; RIOS, Flavia (org.). **Negros nas cidades brasileiras (1890-1950)**. 1. ed. São Paulo: Intermeios; FAPESP, 2019. p. 77–96.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968. v. 42.

GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. Em: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos Alfredo (eds.). **Lugar de negro**. Coleção 2 Pontos. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. v. 3. p. 9–66.

PENSAR FORA DO EIXO

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, [S. l.], p. 223–244, 1984.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

MARIA DE JESUS, Carolina. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo, SP: Editora Ática, 2014.

MARICATO, Ermínia. Política habitacional no regime militar: do milagre brasileiro à crise econômica. Petrópolis: Vozes, 1987.

PORTELLI, Alessandro. Ensaio de história oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

REIS, Márcio. **Arquivos fotográficos**. Facebook, 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/reis.marcio.9/>. Acesso em: 4 abr. 2026.

Relatos de vida de Ivanete Nogueira Marques dos Anjos. São Paulo, 2022.

ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP, 1997.

SANTOS, Milton. O território e o saber local: algumas categorias de análise. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 2, p. 15–26, 1999.

SANTOS, Milton. Planejando o subdesenvolvimento e a pobreza. Em: **Economia espacial: críticas e alternativas**. Coleção Milton Santos, 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 13–40.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: OSAL: Observatorio Social de América Latina. Buenos Aires: CLACSO, ano 6, n. 16, 2005.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2007.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **Pobreza urbana**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2013.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. edição, 5. reimpressão atualizada segundo ed. São Paulo: Edusp, 2020.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **Programa Patrimônio e Referências Culturais nas Subprefeituras: Subprefeitura Itaquera**. São Paulo: PMSP/SMC/DPH, 2008.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento. Informes Urbanos n. 64: Censo 2022. São Paulo: SMUL, 2024.



PENSAR FORA DO EIXO

SILVÉRIO, Valter Robério. Uma releitura do “lugar do negro” e dos “lugares da gente negra” nas cidades. Em: ANA CLÁUDIA CASTILHO BARONE; FLÁVIA RIOS (org.). **Negros nas cidades brasileiras (1890-1950)**. 1. ed. São Paulo: Intermeios, FAPESP, 2019. p. 23–48.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2020.